

UCLA

Mester

Title

O mito da Infância na poesia de Fernando Pessoa

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/1qc056mh>

Journal

Mester, 5(2)

Author

Wilson, A. Michael

Publication Date

1975

DOI

10.5070/M352013508

Copyright Information

Copyright 1975 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

Peer reviewed

O mito da infância na poesia de Fernando Pessoa

I

Introdução

O mito da infância é um dos eixos principais em torno dos quais se move a obra poética de Fernando Pessoa. Porque mito e não tema ou estado de infância? O termo tema da infância pressupõe uma poesia intimista baseada nas experiências ou emoções reais do poeta em infância exprimida com certa medida de sinceridade. O termo estado de infância dá a entender uma poesia de temas tratados tomando como ponto de partida o estado mental da criança que talvez pressuponha um estudo da psicologia infantil da maior profundidade. O que se encontra na poesia de Fernando Pessoa é um mito da infância: a palavra mito no sentido de uma "tradição que, sob forma de alegoria, deixa entrever um fato natural histórico ou filosófico."¹ Embora seja uma tradição ou história inacreditável e sem realidade, o mito exerce uma influência muito real sobre o comportamento ético e prático dentro do contexto da sociedade ou cultura que o cria e perpetua. A infância de Pessoa é uma infância mitificada. O leitor pode não aceitar as premissas do poeta no que diz respeito à sua visão da psicologia infantil e pode pôr em dúvida a sinceridade dos seus versos de tom intimista ou autobiográfico. Nada adianta discutir a perspicácia de suas idéias psicológicas ou sua sinceridade. Um fato persiste: o mito da infância criado por Fernando Pessoa, embora seja inacreditável e careça realidade, tem uma função na temática, sensibilidade poética e filosófica e na vida interior do poeta. Assim que o mito atinge um grau superior de realidade e funciona na obra e vida do poeta.

O mito da infância se manifesta de maneiras diferentes e com maiores e menores medidas de insistência em quase toda a poesia de Pessoa, ele mesmo, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro. Expressado diretamente em Álvaro de Campos e Fernando Pessoa ortônimo, torna-se um dos temas centrais da poesia emocional de Campos e é mais intelectualizado em Pessoa. Expressado diretamente poucas vezes em Caeiro, o mito não vem à tona com a expressão temática senão se apresenta obliquamente formando a base estética e filosófica da perspectiva de Caeiro.

II

Álvaro de Campos

Na obra de Álvaro de Campos, o poeta das emoções, o mito da infância é da maior importância. Nele o mito se transforma em ideal. O desejo dele é um sonho impossível: a conservação do estado da infância ou das qualidades da infância.² A expressão mais poética deste ideal de Campos se encontra no poema "Aniversário":³

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.

O poeta exalta aquele tempo feliz de infância em que não tinha consciência da existência da morte.

Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma.
De ser inteligente para entre a família.
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdura o sentido
da vida.

Expressa a capacidade involuntária da criança de ter esperanças e de viver. O adulto, quando chega a ter consciência das esperanças e da vida, se torna incapaz de tê-las e de vivê-la.

O que fui — ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui . . .

Volta de novo à idéia de que só depois de chegar a ser adulto é possível ter consciência da felicidade da infância.

O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,

É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo
frio . . .

Sente-se a tristeza do poeta que repara naquela felicidade perdida.

Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e camal,
Com uma dualidade de eu para mim . . .
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de
manteiga nos dentes!

Campos deseja voltar física e espiritualmente ao estado da infância. Quer revivê-lo. É um desejo impossível e contraditório. Deseja agora, em adulto, voltar à pureza da alegria da vida de criança ("o pão de fome") sem que ela seja modificada ou moderada pela bagagem de experiências racionais do adulto ("sem tempo de manteiga nos dentes!"). As lembranças da infância são evocadas com tanta força que aquele passado feliz apaga o presente do poeta:

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para
o que há aqui . . .

No penúltimo verso Campos exprime a raiva que sente frente à impossibilidade de ter consigo, no seu tempo presente de homem já adulto, seu passado de criança:

Raiva de não ter trazido o passado roubado na algeibra! . . .

Os mesmos temas, o desejo impossível de voltar ao estado de infância ou a inconformidade do poeta ao comparar a infância com seu presente estado de adulto tendo ao mesmo tempo a consciência da impossibilidade de voltar, aparecem repetidos em vários outros poemas de Álvaro de Campos. Nos dois poemas intitulados "Lisbon Revisited" não é Lisboa que o poeta tenta visitar senão o "eu" que ele era na infância quando morava lá. Em "Lisbon Revisited (1923)" (p. 82) o poeta encara a impossibilidade de reviver no presente a Lisboa de seu passado:

Ó céu azul — o mesmo da minha infância —,
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta

Em "Lisbon Revisited (1926)" (p. 84) reaparece o mesmo tema:

Outra vez te revejo,
Cidade da minha infância pavorosamente perdida . . .
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui . . .
Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,
E aqui tornei a voltar, e a voltar,
E aqui de novo tomei a voltar?

A resposta obviamente é NÃO! e o poeta fica "estrangeiro aqui como em tôda a parte" porque ao tentar reviver aquele Álvaro de Campos idêntico ao Campos da infância numa Lisboa que não é mais a Lisboa idêntica à da infância, fracassa e ao tentar também não pode ser o Álvaro de Campos do presente. Qualquer tentativa de existir no passado fracassa e ao mesmo tempo a tentativa impossibilita a sua existência completa no presente. O poeta tem consciência de seu fracasso inevitável:

Outra vez te revejo,
Mas, ai, a mim não me revejo!
Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico,
E em cada fragmento fatídico vejo só um bocado de
mim —
Um bocado de ti e de mim! . . .

Na tentativa fracassada de rever a Lisboa e o Álvaro de Campos do passado o poeta só consegue ver um "bocado," uma lembrança vaga do que já passou ao não ser.

Talvez os versos mais melancólicos de Campos sejam aqueles em que o poeta juxtapõe uma exaltação dos valores do estado da infância e a tristeza sentida ao reconhecer a perda irreparável daqueles valores pelo poeta adulto. Em "Tabacaria" (p. 86) o poeta escreve:

Come, pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com

que comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha
de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.

Ao observar na rua uma cena cotidiana o poeta exalta a capacidade da criança de comer chocolate com prazer puro e inconsciente, sem pensar. Por outro lado, o poeta que pensa vê que o embrulho do chocolate é de folha de estanho, frio e útil; não é mais o papel de prata bonito e mágico da infância. Por causa de seu pensamento analítico aprendido o adulto perdeu a capacidade de sentir e gozar a vida simples e puramente. Decepcionado, deita tudo para o chão.

Em "Adiamento" (p. 96):

Quando era criança o circo de domingo divertia-me tôda
a semana.
Hoje sô me diverte o circo de domingo de tôda a semana
da minha infância . . .

A criança se divertia toda a semana com o circo de domingo. O adulto só pode se divertir ao recordar que quando era criança o circo de só um dia lhe divertia toda a semana. Em "Trapo" (p. 102):

Carinhos? Afetos? São memórias
É preciso ser-se criança para os ter
Minha madrugada perdida, meu céu azul verdadeiro!
O dia deu em chuvoso.

Outra vez o poeta em atitude cismática contempla os prazeres perdidos da infância, os carinhos, os afetos. Dos únicos prazeres verdadeiros da vida, os da infância perdida ("Minha madrugada perdida, meu céu verdadeiro!") só resta a tristeza do adulto ("O dia deu em chuvoso."). Exprime a mesma emoção de maneira um pouco diferente em "Dobrada à Moda do Pôrto" (p. 106):

(Sei muito bem que na infância de tôda a gente houve
um jardim,
Particular ou público, ou do vizinho.
Sei muito bem que brincamos era o dono dele.
E que a tristeza é de hoje.)

Nem criança nem adulto pode ser dono de um jardim que sob a lei, como bem imóvel, pertence ao pai, ao vizinho, ou à municipalidade. O ato de brincar nele é o dono de um jardim. Mas é a criança que sabe brincar. Ao adulto, tendo aprendido a incapacidade de brincar, resta só a tristeza.

É esta a verdade perdida mas não esquecida que Álvaro de Campos procura reencontrar: a verdade natural da infância, da criança que sabe brincar, que sabe sonhar sem as inibições aprendidas no mundo racional e utilitário do adulto, que sente os prazeres da vida sem destuí-los pensando neles. É a saudade desta verdade que o poeta expressa em "Magnificat" (p. 104): "Que é daquela nossa verdade — o sonho à janela da infância?" Sempre inconformado mas também consciente da inevitabilidade de sua própria morte, o mito leva o poeta ao extremo de querer levar os vestígios da infância até à hora da morte: "Quero acabar entre as rosas, porque as amei na infância." (p. 104)

III

Alberto Caeiro

O mito da infância se manifesta de maneira bem diferente nos poemas de Alberto Caeiro. Nem sempre surge expressado abertamente como é o caso de Álvaro de Campos. O ideal de Caeiro, tanto na sua filosofia de vida quanto na sua estética de composição, é viver e criar dentro do estado natural do homem na natureza, o estado natural que Campos encontra só no seu estado mítico da infância. O ideal de Caeiro vai além do ideal de Campos em que Caeiro vive, ou procura aparentar viver, o mito — que torna a atitude dele inverossímil para o leitor incrédulo. Por um processo que o leitor considerará de auto-decepção, Caeiro consegue existir na natureza pura e simplesmente sem pensar nisso como declara no poema "XXXII" (p. 60) de *O Guardador de Rebanhos*:

(Louvado seja Deus que não sou boni,
E tenho o egoísmo natural das flôres
E dos rios que seguem o seu caminho)

Preocupados sem o saber
Só com florir e ir correndo.
É essa a única missão no mundo,
Essa — existir claramente,
E saber fazê-lo sem pensar nisso.)

Caeiro é o poeta do poema "XXXIX" (p. 61) que consegue ver as coisas como elas são sem inculcar nelas valores não inerentes nelas senão aprendidos nas lições do mundo de Álvaro de Campos:

Porque o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum.
É mais estranho do que todas as estranhezas
E de que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as coisas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.

Nos *Poemas Inconjuntos* (p. 65) Caeiro vive o mito de Campos; é a criança que sabe brincar:

Se eu morrer muito novo, oiçam isto:
Nunca fui senão uma criança que brincava.
Fui gentio como o sol e a água,
De uma religião universal que só os homens não têm.

Caeiro é a criança que tem "uma religião universal"; Campos é um dos homens que não a tem e sente a falta dela. Caeiro revela no poema "XLVI" (p. 61) que sua filosofia de vida e sua estética dependem de um esforço consciente de *desaprender* as lições do mundo de Campos:

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me
ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a Natureza produziu.

E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer
como um homem,
Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.

Em outro verso dos *Poemas Inconjuntos* Caeiro resume a sua poética: "Eu nem sequer sou poeta: vejo." Mas, como em toda a obra de Fernando Pessoa, há contradições e "O Penúltimo Poema" (p. 65) Caeiro confessa que ele também faz conjeturas filosóficas sobre os sentidos ocultos das coisas que ele insiste tanto em declarar inexistentes:

Também sei fazer conjeturas.
Há em cada coisa aquilo que ela é que a anima.
Na planta está por fora e é uma ninfa pequena.
No animal é um ser interior longínquo.
No homem é a alma que vive com ele e é já ele.
Nos deuses tem o mesmo tamanho
E o mesmo espaço que o corpo
E é a mesma coisa que o corpo
Por isso se diz que os deuses nunca morrem.
Por isso os deuses não têm corpos e alma
Mas só corpo e são perfeitos.
O corpo é que lhes é a alma.
E têm a consciência na própria carne divina.

Ao passo que Campos quer morrer entre as rosas que amou na infância, a morte para Caeiro-criança é o sono que se dá a qualquer criança:

Um dia deu-me o sono como a qualquer criança
Fechei os olhos e dormi
Além disso, fui o único poeta da Natureza.

Aqui as diferenças entre as atitudes de Campos e Caeiro são óbvias. Campos, sempre inconformado, encara a morte com saudades do estado irrecuperável da infância. Caeiro consegue viver o mito e, sendo homem, é criança na hora da morte como foi na vida de poeta ("fui o único poeta da Natureza.")

IV

Fernando Pessoa, ele mesmo

Em Fernando Pessoa ortônimo se encontram poucas expressões diretas ou abertas do mito da infância. Apesar disso o mito funciona dentro de sua poesia. Às vezes lembra Alberto Caeiro, outras vezes Álvaro de Campos, mas nunca segue com fidelidade as linhas emocionais, filosóficas ou estéticas traçadas pelos dois heterônimos.

Em “Pobre Velha Música!” (p. 27) um estímulo exterior evoca uma lembrança da infância:

Pobre velha música!
Não sei por que agrado,
Enche-se de lágrimas
Meu olhar parado

Recordo outro ouvir-te.
Não sei se te ouvi
Nessa minha infância
Que me lembra em ti.

Com que ânsia tão raiva
Quero aquêlo outrora!
E eu era feliz! Não sei:
Fui-o outrora agora

Fernando Pessoa não é nem a eterna criança no presente que é Caeiro nem quer voltar ao estado natural da infância como Campos. Pessoa sente tão profundamente a lembrança daquela criança que era que a é de novo no tempo presente, pelo menos por um instante: “Fui-o outrora agora.” Em “Ela Canta, Pobre Ceifeira” (p. 30) exprime outro desejo impossível:

Ah, poder ser tu, sendo eu!
Ter a tua alegre inconsciência,
E a consciência disso!

O poeta não quer voltar ao estado de inocência inconsciente que Campos acha só na infância e que Caeiro tem a audácia de pretender viver no presente mas sem consciência disso. Quer ter a alegre inconsciência de uma ceifeira ou de uma criança e, ao mesmo tempo ter a consciência de tê-la. Outra face do mito da infância é expressada por Pessoa em “Natal” (p. 33):

Natal . . . Na província neva.
Nos lares aconchegados,
Um sentimento conserva
Os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo,
Como a família é verdade!
Meu pensamento é profundo,
‘Stou só e sonho saudade.

E como é branca de graça
A paisagem que não sei,
Vista de trás da vidraça
Do lar que nunca terei!

O poeta sonha saudade (*sonha*, porque é impossível *ter* saudade de alguma coisa que nunca existiu para ele) de um lar mítico que representa a infância mítica. É uma infância que todo o mundo deveria ter tido, que algumas pessoas tiveram e perderam, e que outros (como o poeta) na realidade nunca tiveram nem terão. É a infância idealizada de criança, família e lar em que todos eles são felizes seguindo os padrões do mito.

Conclusão

O mito da infância surge com frequência e com feições sempre mudáveis na obra poética de Fernando Pessoa ortônimo, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro. Constitui um fio unificador que liga a poesia dos três e que enfraquece as fronteiras impostas pelo artifício dos heterônimos. Embora esteja tratado diferentemente nos três, sua presença em todos o salienta como uma preocupação vigente na temática de Fernando Pessoa.

A. Michael Wilson

University of California, Los Angeles

NOTAS

¹*Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, ed. Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972) pág. 812.

²Pradelino Rosa, *Uma Interpretação de Fernando Pessoa* (Porto Alegre: Universidade Federal de Rio Grande do Sul, 1969) pág. 94

³Adolfo Casais Monteiro, *Fernando Pessoa — Poesia* (Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1970) pág. 100. Todas as citações dos poemas são desta mesma edição e daqui em diante somente se indicará a página em que os versos aparecem.

